SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES: GÊNERO TEXTUAL: REPORTAGEM

GÊNERO TEXTUAL: REPORTAGEM

1ª ETAPA: CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO, DO GÊNERO E DO TEMA

Quantidade de aulas sugeridas para implementação da etapa: 1 aula

A etapa introdutória do trabalho com o gênero reportagem é estruturada a partir de **duas finalidades**. A primeira delas consiste em oferecer elementos para que os estudantes possam **contextualizar o gênero que é foco da sequência de atividades e o campo em que ele se situa**. Concomitantemente a essa contextualização, é fundamental que **seja fornecido espaço para que os estudantes mobilizem seus conhecimentos prévios sobre o campo, o gênero e a temática escolhida para o trabalho** – esta é a segunda finalidade desta etapa da sequência de atividades.

A reportagem é um gênero situado no campo **jornalístico-midiático**. Sua finalidade é abordar informações relevantes no cotidiano e aprofundá-las. Assim, além de informar sobre um fato relevante, a reportagem observa as raízes desse fato e o desenrolar de questões relacionadas a ele. Embora a reportagem não seja um gênero propriamente opinativo, nota-se que os caminhos escolhidos para desenvolvimento das informações, as escolhas vocabulares e mesmo a seleção do fato sobre o qual o texto se debruça podem denotar um posicionamento específico.

É possível que os limites entre a notícia e a reportagem não estejam claros para alguns estudantes. Assim, pode ser necessário reforçar as especificidades de cada um desses gêneros. Em termos gerais, uma reportagem tem por objetivo informar, expor um fato, ao mesmo tempo em que o interpreta. Além disso, por meio das interpretações, há a intenção de fornecer ao leitor informações para se fazer uma reflexão acerca do assunto. Por outro lado, a notícia tem como objetivo apenas informar e expor um fato de relevância social.

Os aspectos referentes ao gênero, ao campo e ao tema serão introduzidos nesta primeira etapa da sequência. Para isso, sugerimos uma proposta de atividade como a disponibilizada a seguir.

Proposta de contextualização do campo, do gênero e do tema

1. Você já ouviu falar sobre o problema da obesidade no Brasil? Que problema é esse?
2. Quais são as causas desse problema?
3. Quais são as consequências desse problema?
4. O que seria insegurança alimentar? Caso não saiba o que é, converse com seus colegas e levante hipóteses. Em seguida, compartilhe sua resposta com o restante da turma.
5. Você já ouviu falar sobre gordofobia? Se sim, defina o que é? Caso não saiba do que se trata, levante algumas hipóteses sobre o que seria isso. Em seguida, compartilhe sua resposta com o professor e com o restante da turma.
6. O que leva as pessoas a serem preconceituosas com quem é obeso? Discuta essa questão com seus colegas e, em seguida, formule uma reposta que considerar adequada.
7. Como as informações sobre o problema da obesidade chegam até a população?
8. Você já ouviu falar do gênero reportagem? Se sim, defina o que é? Caso não saiba do que se trata, levante algumas hipóteses sobre o que seria isso. Em seguida, compartilhe sua resposta com o professor e com o restante da turma.
9. Em que veículos de comunicação as reportagens são publicadas?

É importante salientar que as questões apresentadas na proposta de referência consistem em um parâmetro que pode e deve ser adaptado ao contexto da turma em que se pretende implementar o trabalho de contextualização acerca do campo jornalístico-midiático, do gênero reportagem e sobre a questão da obesidade no Brasil.

Entre as muitas possibilidades metodológicas para propostas de contextualização do campo, do gênero e do tema, optamos, aqui, por duas delas: a sala de aula invertida e a roda de conversas.

Sala de aula invertida

Nessa metodologia de trabalho, o professor deve propor aos alunos que pesquisem e registrem informações sobre o tema da sequência de atividades (no caso do exemplo acima, a questão da obesidade no Brasil) e sobre o gênero reportagem. Quando as pesquisas estiverem prontas, o professor deve dividir a turma em grupos e distribuir a atividade de contextualização do campo, do gênero e do tema. Os grupos devem, então, discutir as questões e, após chegarem a um consenso sobre elas, registrar as respostas por escrito.

Quando as questões estiverem respondidas, o professor deve pedir aos grupos que apresentem aos demais estudantes suas respostas. Não é necessário que todos os

grupos apresentem todas as repostas. O professor deve selecionar entre dois e três grupos para cada pergunta. Em seguida, deve comparar e analisar as respostas dadas, indicando como elas se apoiam na construção do saber visado. Por fim, a partir do que foi apresentado, deve conduzir a turma à compreensão necessária para contextualização adequada sobre o campo, o gênero ou sobre o tema, a depender do objetivo de cada pergunta.

Roda de conversas

Na roda de conversas, o professor deve, se possível, organizar a turma em círculo ou meia-lua e utilizar as perguntas motivadoras de apresentação do campo, do gênero e do tema como um roteiro para condução de uma conversa com e entre os estudantes. A cada pergunta feita, o professor deve, a partir das respostas dadas pelos estudantes, organizar e construir a resposta adequada para uma contextualização efetiva do campo, do gênero ou do tema, a depender do objetivo de cada questão.

2ª ETAPA: ANÁLISE DO GÊNERO REPORTAGEM

Quantidade de aulas sugeridas para implementação da etapa: 2 aulas

Na etapa de análise do gênero, a finalidade é proporcionar o contato dos estudantes com exemplares da reportagem a fim de que seja possível construir os **conhecimentos referentes aos elementos da forma composicional desse gênero e, em seguida, sistematizar essa construção**

Partindo da perspectiva de que a forma composicional de um gênero está diretamente atrelada a seu contexto de produção e circulação, a atividade analítica que deve acompanhar os exemplares selecionados para o trabalho precisa abordar aspectos do **contexto produção e circulação do gênero** (interlocutores, finalidades, intenções, suporte e tecnologias envolvidas na produção e circulação do discurso), **elementos formais do texto** (semioses, modalidades de linguagem, organização textual e aspectos linguísticos, lexicais e de registro) e **questões referentes ao conteúdo do temático do texto**. A partir do reconhecimento da forma composicional do gênero, proporcionado por esta etapa da sequência, em conjunto com as especificidades linguísticas, trabalhadas na etapa seguinte, pretende-se garantir a base necessária para que os estudantes possam produzir um exemplar adequado de reportagem na etapa final da sequência de atividades.

Como sugestão para o trabalho de análise do gênero, sugerimos atividades como as disponibilizadas a seguir. Note que elas, respectivamente, buscam abordar **o conteúdo temático presente na reportagem, o contexto de produção e circulação do gênero e sua forma composicional e aspectos referentes ao suporte e às tecnologias empregadas em sua produção e circulação**. Em relação ao último conjunto de atividades, elas

deverão ser realizadas quando houver disponibilidade de laboratório de informática, computador e projetor na sala de aula e/ou dispositivos móveis como tablets e smartphones, pois são tarefas que buscam analisar a forma composicional da versão digital da reportagem, contrastando-a com a forma composicional de sua versão impressa.

Atividade de análise do gênero reportagem

Leia a reportagem a seguir com atenção.

OBESIDADE INFANTIL DISPARA NA GERAÇÃO TIKTOK

Taxa de crianças obesas ou acima do peso cresce 70% no Brasil e convive com a fome persistente entre a população mais vulnerável do país, revela levantamento inédito

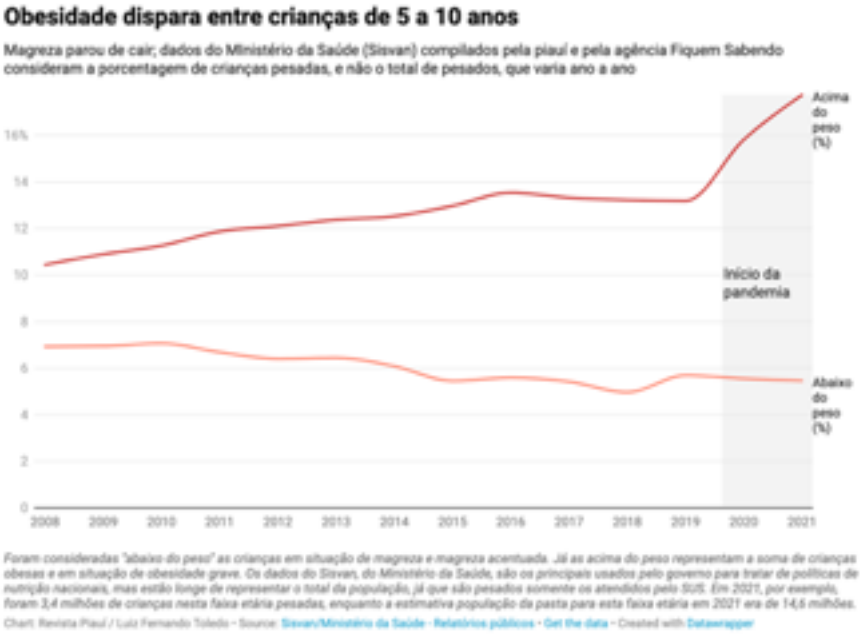
CAMILLE LICHOTTI E RUBENS VALENTE

07 JUL 2022_09H01

Na porta de um pequeno mercado localizado entre dois terrenos baldios, em uma rua poeirenta do interior do Maranhão, pacotes de salgadinho brilham sob o implacável sol das 10 horas da manhã. A temperatura passa dos 30° C em Trizidela do Vale, região central do estado, quando um menino de 11 anos, descalço e vestindo apenas uma bermuda azul, entra na loja para comprar um adoçante a pedido da mãe. Antes de pagar, agarra um dos pacotes brilhantes: um salgadinho de milho sabor calabresa acebolada – que de calabresa só tem o aroma artificial –, vendido a 50 centavos. Uma banana custa 75 centavos, mas o garoto nem chega perto das frutas guardadas no refrigerador no corredor mais distante da porta. As prateleiras de destaque destinam-se aos salgadinhos de pacote. "É para chamar as crianças", explica o atendente.

O salgadinho de pacote é ingrediente central do cardápio de má nutrição das crianças brasileiras. Mas não é o único vilão. A fome persistente convive com a crescente epidemia de obesidade, e os dois fenômenos atingem a população mais vulnerável. Dados compilados pela Piauí e pela agência de dados públicos Fiquem Sabendo, com base no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan), do Ministério da Saúde, mostram que a proporção de crianças de 5 a 10 anos acima do peso explodiu nos últimos treze anos. A taxa de crianças com obesidade subiu 70% de 2008 a 2021. Praticamente uma em cada cinco crianças atendidas pelo sistema público de saúde está obesa.

Crianças obesas têm mais chance de se tornarem adultos obesos – e podem adquirir ao longo da vida uma série de doenças relacionadas ao excesso de peso, como hipertensão, diabetes e problemas cardiovasculares. Enquanto a obesidade infantil traz uma nova carga de vulnerabilidade aos mais pobres, o Brasil caminha para ter uma população doente. "A consequência disso é a mortalidade prematura", explica a nutricionista Daniela Neri, do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da USP.



Do outro lado da balança, a taxa de crianças abaixo do peso adequado para a idade parou de cair em 2021, interrompendo a tendência de queda registrada desde 2008. Em nove estados, a taxa de crianças de 5 a 10 anos em situação de magreza ou magreza acentuada aumentou nos últimos dois anos. No caso do Distrito Federal, o salto na proporção de crianças abaixo do peso adequado foi de 23% – e o índice voltou a um patamar semelhante ao de 13 anos atrás.

O Sisvan registra peso e altura de crianças que chegam à rede de atenção primária do sistema público de saúde, a maioria atendida por programas sociais. Como os dados se referem prioritariamente a crianças em situação de vulnerabilidade social, o sistema serve de guia para todas as estratégias e ações do Ministério da Saúde na área de alimentação e nutrição.

No país onde 125 milhões de pessoas não sabem se vão conseguir se alimentar adequadamente todo dia – e das quais 33 milhões passam fome, segundo pesquisa da rede Penssan –, a obesidade está conectada à pobreza. Especialistas ouvidos pela piauí concordam que o aumento da obesidade infantil também é produto do empobrecimento e da insegurança alimentar. "A obesidade está se tornando uma marca da população mais pobre", diz a endocrinologista Maria Edna de Melo, professora da Universidade de São Paulo. Hoje quem tem dinheiro pode escolher com mais folga o tipo de alimento que vai comer e optar por pratos mais saudáveis e diversos. Quem não tem, come o mais barato – que quase sempre é também o mais calórico ou de qualidade nutricional inferior.

Relatório publicado pelo Unicef no final de 2021 revelou um alto consumo de ultraprocessados entre crianças integrantes do programa Bolsa Família (substituído em novembro passado pelo Auxílio Brasil). Esses produtos são basicamente uma mistura de sal, açúcar, gordura e conservantes e sequer são considerados comida de verdade. Recebem uma série de aditivos industriais para alterar seu gosto e prazo de validade, o que os torna mais palatáveis, baratos, práticos e acessíveis – apesar de não terem valor nutricional. "As pessoas sentem uma falsa sensação de saciedade porque na verdade não estão se alimentando quando comem esses produtos", diz a endocrinologista Zuleika Halpern, membro da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM).

Em metade dos domicílios pesquisados pelo Unicef, as crianças com menos de 6 anos consomem salgadinho de pacote, macarrão instantâneo e refrigerante de uma a três vezes por sema-

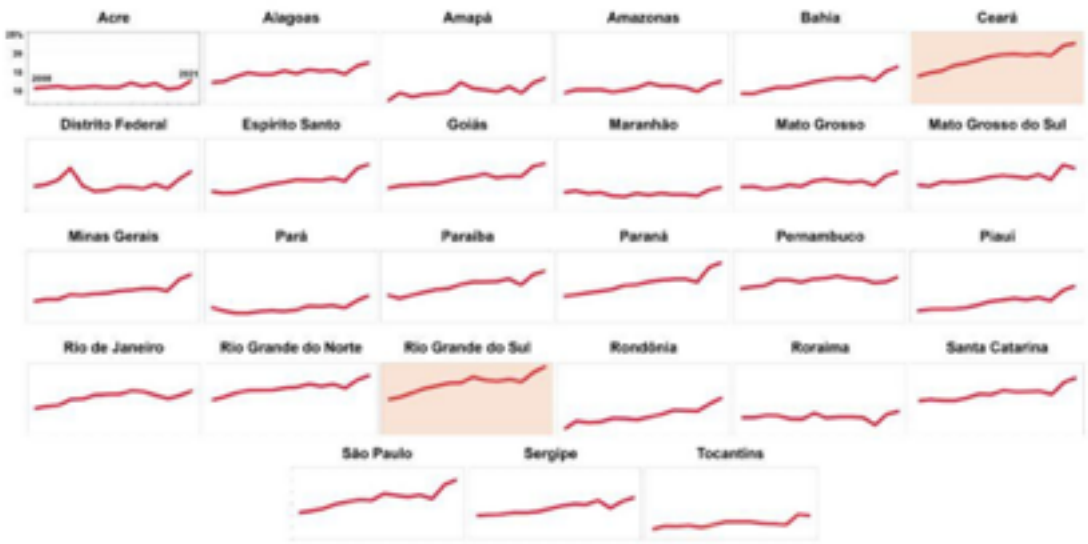
na. O estudo concluiu que a vulnerabilidade socioeconômica das famílias é um fator que influencia no consumo de ultraprocessados, e a maior dificuldade para melhorar os hábitos alimentares foi o alto custo dos alimentos saudáveis. "O preço de uma salsicha pouco aumentou, enquanto o da cenoura disparou. As pessoas mais pobres estão comendo comida de baixa qualidade porque é mais barato", diz o economista Arnoldo de Campos, ex-secretário nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Um levantamento feito por ele mostra que, das 20 maiores altas de preços acumuladas este ano até o mês de abril, 19 foram de alimentos in natura.

Uma série de estudos já investigou a relação entre a falta de recursos para a compra de alimentos saudáveis e o ganho de peso. Algumas dessas pesquisas mostram que, por mais contraintuitivo que pareça, a epidemia de obesidade no Brasil não é oposta à insegurança alimentar, mas uma consequência dela. "Antes as crianças pobres morriam porque não tinham acesso à comida. Agora elas comem, mas vão desenvolver uma série de doenças porque comem mal", diz Zuleika Halpern.

A obesidade já vinha avançando entre as crianças vulneráveis de todos os estados brasileiros e, com o início da pandemia, teve um salto em 2020 em relação ao ano anterior. Os casos mais críticos são os estados do Rio Grande do Sul, onde um quarto das crianças de 5 a 10 anos eram obesas (25% dos pesados), Ceará (23%) e Rio Grande do Norte (23%). O problema atinge estados com perfis socioeconômicos diferentes. No Rio, que tem o segundo maior produto interno bruto (PIB) do país, a obesidade infantil subiu de 11% em 2008 para 18% em 2021. Mas o aumento mais acentuado aconteceu em Rondônia, que tem um dos menores PIBs, saltando de 7% para 15%. A obesidade infantil aumentou em todos os grupos raciais, mas as crianças brancas apresentaram o índice mais alto em 2021 – 21% delas tinha obesidade ou obesidade grave, ante 18% entre crianças pretas e 16% entre pardas, que por sua vez tiveram índices maiores de magreza e magreza acentuada.

Aumento da proporção de crianças acima do peso aconteceu em todos os estados brasileiros (2008-2021)

Maiores taxas estão no Rio Grande do Sul e no Ceará



Fonte: Sisvan / Ministério da Saúde, com dados tabulados pela piauí

A proporção de crianças com obesidade grave pode crescer ainda mais nos próximos anos, já que também tem aumentado a taxa de sobrepeso na faixa etária de 5 a 10 anos de idade – 16% dos pesados em 2021, ante 14% no início da série histórica. Somando com os obesos, pode-se dizer

que cerca de um terço das crianças acompanhadas pela pesquisa no Brasil estava com excesso de peso em 2021 – taxa que, em alguns estados, como o Rio Grande do Sul, chegava a quase metade das crianças pesadas.

Os dados do Sisvan também mostram a consequência direta da má alimentação ao longo dos anos. Mais de 8% das crianças de 5 a 10 anos têm altura baixa ou muito baixa para a idade. O crescimento infantil é usado como um indicador de saúde das crianças. Até os 5 anos de idade, se as necessidades de saúde e nutrição das crianças são atendidas, o padrão de crescimento médio é semelhante. O déficit na altura é a característica mais representativa do quadro de desnutrição crônica no Brasil. Enquanto o baixo peso é um problema que pode ser revertido, o potencial de crescimento perdido na infância não pode ser recuperado. A proporção de crianças abaixo da altura ideal vinha caindo e atingiu o menor índice da série histórica em 2019 – 8% das crianças de 5 a 10 anos medidas – mas voltou a subir no ano seguinte.

"A deficiência de estatura é muito mais preocupante do que a do peso. É o que se chama fome crônica, quando a criança cresce menos do que deveria porque não se alimentou direito", diz o professor Rodrigo Vianna, do departamento de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). "No caso da estatura, quem comeu menos e ficou magro começa a crescer menos. A magreza é rápida, temporária e pode ser revertida. Já a estatura é a fome crônica, é ela que mostra o grande atraso do desenvolvimento do país".

Na base de dados do Sisvan, o sudoeste do Amazonas aparece como a pior mesorregião do país em termos de estatura abaixo do esperado entre crianças dos 5 aos 10 anos de idade. A insegurança alimentar na região desafia o senso comum de que na Amazônia não se passa fome porque os recursos naturais são abundantes. O município de Atalaia do Norte (AM), perto da fronteira com a Colômbia – que ganhou notoriedade nas últimas semanas após o assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips – detém o mais baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) entre os 62 municípios do estado do Amazonas, segundo os dados de 2010. De um total de 1.027 crianças de 0 a 5 anos pesadas em Atalaia em 2021, 89 tinham "magreza acentuada" (5% do total, portanto acima dos 3% da média nacional no período) ou "magreza" (4%, também acima dos 3,4% da média nacional).

Estado brasileiro com maior proporção de pobres, o Maranhão é um exemplo da dupla carga de má alimentação que atinge o Brasil. Tem taxas acima da média nacional de crianças abaixo do peso e também abaixo da altura esperada para a idade. Enquanto isso, a proporção de crianças acima do peso – embora não seja a mais alta no país – cresce ano a ano. Em Trizidela do Vale, onde os salgadinhos de pacote brilham sob o sol nos mercadinhos, o índice de obesidade (somando a moderada e a grave) mais do que triplicou: subiu de 4% em 2008 para 16% em 2021 entre as crianças de 5 a 10 anos. Já o índice de crianças abaixo do peso, que vinha caindo nos últimos anos, voltou em 2021 ao mesmo patamar de 2008. Ou seja: levando em conta o início da série histórica de dados do Sisvan e a situação atual, a desnutrição deixou de ser o principal problema nutricional em Trizidela do Vale – mas não porque deixou de existir. Agora desnutrição e a obesidade são problemas que se somam.

Na penúltima semana de junho, Anajara Guimarães levou o filho caçula, Marcos, de 6 anos, a uma consulta médica. Era uma campanha da igreja do bairro Aeroporto, região afastada do centro de Trizidela do Vale, onde a paisagem já começa a ganhar características rurais. No projeto social, as crianças são pesadas, medidas e os voluntários calculam o Índice de Massa Corporal (IMC) usando um programa de computador. Marcos estava pesando 15 kg. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o peso ideal para um menino da sua idade é de 20 a 23 kg. Além do baixo peso, que, de acordo com os critérios do projeto da igreja, configura um quadro de desnutrição, os exames do garoto também mostraram uma anemia severa. "Nesse dia eu voltei para casa chorando igual criança", lembra a mãe, que passou a tomar remédios para conseguir dormir.

Anajara Guimarães com o filho Marcos, de 6 anos, desnutrido. O garoto pesa 15 kg e está abaixo do peso considerado adequado para a idade - Foto: Camille Lichotti

A casa que Anajara Guimarães divide com os três filhos fica escondida num matagal do bairro. É uma construção de pau a pique, na qual o único vão foi dividido em dois quartos, separados por lençóis, sala e cozinha. Como ela está desempregada, o único dinheiro que entra regularmente na

casa são os 400 reais do Auxílio Brasil. Mas o valor não é suficiente para garantir a alimentação da família, especialmente com a alta do preço dos alimentos. No fim de junho passado, por exemplo, só havia água na geladeira. No armário, meio saco de arroz e um punhado de feijão. "Não resta quase nada para comer", diz Guimarães, apontando para o pequeno armário instalado na parede. Ela calcula que a família não come carne de gado há cerca de seis meses. As compras do mês costumam durar duas semanas – nas outras duas, é preciso "dar um jeito". Guimarães conta que, quando ninguém aparece para ajudar, ela passa dias sem comer para garantir a acanhada alimentação dos filhos.

A igreja forneceu algumas vitaminas e sulfato ferroso para tratar a anemia do filho mais novo, mas nenhum comprimido substitui a comida. E é justamente ela, a comida, que está em falta. A alimentação de Marcos é basicamente leite em pó e bolacha recheada, diz a mãe. Ele não come arroz e feijão, que é o que sobra no fim do mês, e na escola só toma sopa (a outra opção é arroz com sardinha, que ele não come). O menino gosta mesmo é das frutas: maçã, banana, mamão. Mas elas estão caras demais e a mãe deixou de comprá-las. "Aqui a gente mal tem o básico", explica, resignada.

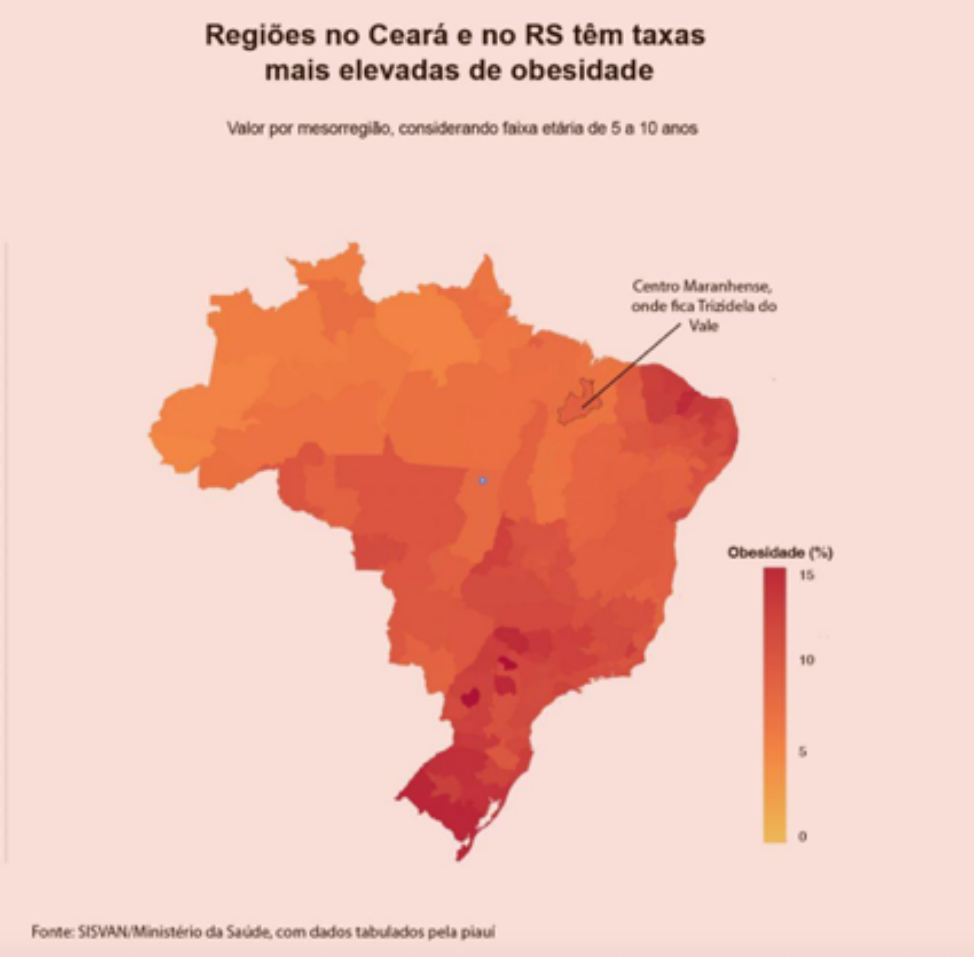
A poucos minutos dali, num outro bairro pobre da mesma Trizidela do Vale, Maria de Fátima Nery, de 27 anos, mora com as três filhas, o namorado e a mãe. Ela diz se lembrar até hoje de quando a filha Maria Clara, de 6 anos, comeu o primeiro pacote de macarrão instantâneo, aos 9 meses de idade. Assim que terminou a refeição ultraprocessada, começou a ter febre e convulsões que duraram vinte dias. Hoje o macarrão instantâneo é uma de suas comidas favoritas. "Não sei que gosto tem, só sei que é bom", explica a menina. Na última vez em que foi pesada, Maria Clara – que tem a mesma idade de Marcos –, estava com 45 kg. Segundo a Organização Mundial da Saúde, o peso ideal para meninas nessa idade é de 20 a 23 kg.

Quando recebe algum dinheiro dos pais ou da avó, Maria Clara percorre os mercadinhos próximos à sua casa atrás dos pacotes de salgadinhos de milho, doces e biscoitos recheados – 4 reais garantem uma farra. Dentro de casa, a alimentação não costuma ser melhor. Verduras e legumes, já escassos, são os primeiros a desaparecer quando o orçamento aperta. Maria Clara não sabe, por exemplo, o que é couve. "É uma folha parecida com alface", disse a mãe ao seu lado, ensaiando uma explicação. A menina também nunca comeu inhame ou beterraba. "É aquela vermelhinha", a mãe teve que explicar mais uma vez.

Maria de Fátima Nery com a filha Maria Clara, de 6 anos, e, na próxima foto, um dos mercados onde as crianças de Trizidela do Vale compram salgadinhos - Fotos: Joaquim Cantanhêde

A família recebe 400 reais por mês do Auxílio Brasil. Só o aluguel da casa onde moram custa 250 reais, e a conta de luz fica em torno de 150 reais por mês. "Para comer, a gente vai se ajeitando como dá", conta a dona de casa. Nery não consegue planejar a alimentação das crianças porque não faz compras de mês – vai comprando a comida conforme o namorado, ajudante de pedreiro, recebe dinheiro. Às vezes o pai das duas filhas mais velhas paga a pensão de 150 reais ou a avó das meninas manda algum alimento. Mas quando manda, é sempre algo do agrado das netas: pacotes de macarrão instantâneo ou biscoitos recheados. A carne sumiu do prato. Para substituir, Nery agora compra salsicha – uma proteína ultraprocessada com alto teor de gordura –, ovo ou alguma outra mistura. "Estamos acostumados a comer o que aparecer", diz.

Às vezes o que aparece à noite é o macarrão instantâneo. Maria Clara, a filha mais nova, prepara a refeição ultraprocessada sozinha e come assistindo televisão com a irmã. Também gosta de abrir algum pacote de salgadinho para beliscar enquanto assiste a vídeos no TikTok – fica acordada até quase 2 horas da manhã, diz a mãe. A exposição a telas, especialmente as digitais, durante as refeições é um dos piores hábitos alimentares dessa geração – e também está relacionada ao sedentarismo e aumento dos níveis de obesidade entre as crianças. Maria Clara não costuma passar por exames de rotina, mas a mãe percebe que ela está ficando cada vez mais cansada e às vezes reclama de fadiga quando sai para brincar. "Não considero nossa alimentação saudável porque a gente só vive comendo salsicha, macarrão, essas coisas. Eu nem gosto muito, mas a gente tem que fazer como dá. E não tem outra opção. Ou come isso, ou...", diz Nery, sem completar a frase.



A endocrinologista Maria Edna de Melo acompanha de perto a transição nutricional no Brasil. Desde 2007 ela chefia a Liga de Obesidade Infantil da Faculdade de Medicina da USP, um grupo que acompanha pacientes da instituição ou casos indicados por outros especialistas. Nos últimos anos, Melo começou a notar uma diferença no padrão de atendimento de crianças com obesidade: elas chegam ao hospital mais jovens e com quadros cada vez mais graves. Há pouco tempo atendeu um menino de 7 anos que se sentava no chão porque não conseguia subir na cadeira e tinha dificuldade até para se locomover. Também se tornou assustadoramente comum atender meninas e meninos que têm colesterol alto, hipertensão e diabetes antes de chegar à adolescência. "Eu nunca tinha visto isso antes", diz a especialista.

Além das doenças crônicas relacionadas ao excesso de peso, muitas crianças com obesidade – incluindo os níveis mais severos – não escapam da desnutrição. Não porque elas não têm o que comer, mas porque suas dietas costumam ser pobres em nutrientes essenciais. Assim como dividem o mesmo país, desnutrição e obesidade podem dividir a mesma cidade, a mesma casa e até o mesmo corpo. Exames de sangue dos pacientes atendidos no ambulatório da USP mostram deficiências de todos os tipos: de ferro, de vitaminas, de minerais. "Até a década de 1990, a fome era nossa principal preocupação quando falávamos sobre saúde nutricional das crianças. Mas agora temos esse outro problema", explica Melo. Para ela, a tendência é que aumente o número de pessoas com excesso de peso, mas desnutridas, graças à má qualidade dos alimentos ingeridos. "Hoje não vejo luz no fim desse túnel", diz.

Quando o programa Fome Zero foi criado pelo governo federal em 2003, no primeiro ano do primeiro mandato do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o principal desafio do Brasil no campo da nutrição era acabar com a fome. Depois da implementação de uma série de programas, a desnutrição entre crianças caiu mais de 70%, a mortalidade infantil despencou e o país finalmente saiu do Mapa da Fome. O passo seguinte era avaliar a população de forma mais detalhada e organizar ações específicas para resolver problemas pontuais e mais complexos.

Em 2013, na gestão de Dilma Rousseff (PT), o governo federal começou a desenhar o programa Brasil Saudável e Sustentável, uma iniciativa da Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional (Caisan), no guarda-chuva do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan). O objetivo era articular políticas públicas para enfrentamento do sobrepeso e obesidade. "Hoje nem se fala mais nesse programa, está abandonado", diz a economista Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome durante o governo de Dilma Rousseff, de 2011 a 2016.

O problema da fome entre os povos indígenas era outro passo a ser dado. "Essa situação não se resolve com Bolsa Família, tem que ter um conjunto de políticas específicas", defende Campello. Os indígenas no Rio Grande do Sul, por exemplo, são completamente diferentes de povos mais distantes dos centros urbanos da região Norte. Certas comunidades têm problemas gravíssimos de carência de vitamina A – o que não significa que o governo precise distribuir vitamina A a toda a população. "A gente já estava chegando nesse nível de detalhamento, de fazer busca ativa em contextos específicos", lembra Campello. "Agora não, agora voltamos a ter uma coisa massiva, uma Inglaterra inteira passando fome". Com o retrocesso no quadro da fome, o Brasil precisa novamente apagar um incêndio de proporções gigantescas – mas dessa vez, com o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional desmantelado.

Em seu primeiro dia de governo, o presidente Jair Bolsonaro extinguiu o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), comitê que reunia representantes da sociedade civil e da administração pública para pautar e monitorar as políticas de segurança alimentar e nutricional. O conselho era a cabeça do sistema de segurança alimentar no Brasil. Do dia para a

noite, a área ficou acéfala. "O Sisan ainda era um embrião, toda a articulação entre os programas ainda estava sendo construída, mas o processo foi minado na origem", explica Campello. "É como se tivessem destruído o SUS em 1990."

Como o sistema é transversal e não se restringe a um ministério, há iniciativas em vários braços do governo. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), um dos mais importantes para a segurança alimentar do país, é responsabilidade do Ministério da Educação. Durante a pandemia, o PNAE ficou à deriva, o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) foi esvaziado e substituído pelo Alimenta Brasil, que teve o orçamento quase zerado em 2021. O Programa de Cisternas também foi praticamente extinto. O Brasil passou pela maior crise sanitária do século – justamente os anos em que aumentaram a fome e a obesidade infantil – sem um Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Até hoje, o governo Bolsonaro não apresentou o documento que deveria orientar as políticas nutricionais entre os anos de 2020 e 2023. E não existe mais Consea para cobrá-lo.

Para Ana Maria Segall, médica epidemiologista e especialista em saúde coletiva, o país está perdendo a liderança no combate à fome porque as coisas estão sendo feitas "de forma improvisada". "Nós entramos numa situação terrível de retrocesso das políticas sociais e agora estamos no pior dos mundos", diz ela, que foi membro do extinto Consea até 2014. Na avaliação da ex-ministra Tereza Campello, o enfraquecimento da rede assistencial e a perda de direitos trabalhistas também contribuíram para a volta da insegurança alimentar. "Para fome não há vacina. Se a população perde renda, a fome volta", resume. "Se as pessoas não têm acesso à alimentação saudável, pode não voltar a fome, mas vai voltar a desnutrição. E logo em seguida também volta a mortalidade infantil. É um escândalo."

As duas faces da má alimentação no Brasil entraram no radar das organizações internacionais que há anos atuam no combate à fome. O Programa Mundial de Alimentos (WFP, na sigla em inglês), agência humanitária ligada à Organização das Nações Unidas, já considera o duplo fardo da desnutrição como um desafio sem precedentes. A "fome oculta" – ou seja, a deficiência de vitaminas e minerais –, a obesidade e a desnutrição andam juntos. E embora aparentemente não relacionados, "esses problemas têm as mesmas causas: pobreza, desigualdade e dietas pobres", diz o site da WFP. "O que as crianças comem precisa ser suficiente para uma vida saudável, para que elas possam se desenvolver", afirma Daniel Balaban, representante da agência no Brasil e diretor do Centro de Excelência Contra a Fome. "Não basta só dar comida. Para zerar a fome precisamos pensar também no tipo de comida que chega para as crianças."

Balaban acompanhou de uma posição privilegiada a infame trajetória do Brasil, que deixou de ser exemplo para o mundo para se tornar o caso a não ser seguido. Como diretor do Centro de Excelência Contra a Fome, ele estava acostumado a receber comitivas internacionais para tratar de boas notícias. Seu trabalho era justamente ensinar outros países a combaterem a fome tomando como exemplo as ações brasileiras. "Nosso escritório recebeu mais de cinquenta países diferentes, ajudamos mais de trinta nações a criarem políticas in loco. Levamos a ideia do Consea a esses países, as políticas públicas, tudo", lembra Balaban. Agora, quando recebe visitas internacionais, o economista se vê numa saia justa diplomática. Todos perguntam o que aconteceu com o Brasil, e ele diz que fica até sem graça: "Esse sempre é o momento mais triste."

Fonte: *https://piaui.folha.uol.com.br/fome-na-geracao-tiktok/*, acesso em 20/08/22

Com base na leitura, responda às questões a seguir.

ATIVIDADE 1 – INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

1. O título e o subtítulo apresentam dois problemas que afligem o Brasil atualmente. Quais são eles?
2. Quais doenças podem ser desenvolvidas em adultos obesos segundo o texto?
3. Por que a obesidade está relacionada à pobreza?
4. Por que alimentos ultraprocessados são prejudiciais à saúde?
5. Qual a relação entre a epidemia de obesidade e a insegurança alimentar?
6. Por que a insegurança alimentar compromete o potencial de crescimento da criança? Qual a consequência disso?
7. Por que é falacioso afirmar que, na Amazônia, não se passa fome porque os recursos naturais são abundantes?
8. Explique como a insegurança alimentar e a obesidade são problemas na família de Anajara Guimarães.
9. Qual a relação entre os costumes da filha de Maria de Fátima Nery e o título da reportagem?
10. Por que apenas programas de transferência de renda, como Renda Brasil e Bolsa Família, são insuficientes para resolver o problema da insegurança alimentar para povos indígenas?
11. Qual o posicionamento da reportagem em relação ao atual governo e o problema da insegurança alimentar?
12. Como esse posicionamento se constrói?

ATIVIDADE 2 – ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO E DA FORMA COMPOSICIONAL DO GÊNERO

1. Por que você acha que essa reportagem foi escrita? Qual é a função dela?
2. Quem escreveu a reportagem? Qual é a profissão dessa pessoa?
3. Para quem essa reportagem foi escrita? Em outras palavras, quem é seu público leitor?
4. Em que veículo de comunicação a reportagem foi publicada?
5. As reportagens geralmente apresentam um evento motivador ou uma questão motivadora para a discussão do assunto por elas tratado. Qual seria o evento motivador da reportagem lida?

6. Qual seria o problema em publicar uma reportagem sem título? Justifique sua resposta.

7. Qual a função da linha fina (subtítulo) da reportagem?

8. A seguir, encontram-se duas descrições. Leia-as com atenção. Em seguida, com base na leitura da reportagem "Obesidade infantil dispara na geração Tik-Tok" e na análise de sua forma composicional, indique qual descrição se relaciona ao gênero reportagem e qual se relaciona ao gênero notícia.

> Tem por objetivo informar, expor um fato, ao mesmo tempo em que o interpreta por meio da análise e opinião de especialistas sobre o assunto discutido. Além disso, por meio das interpretações, há a intenção de fornecer ao leitor informações para se fazer uma reflexão acerca do assunto.

Essa descrição se refere à notícia ou à reportagem? Justifique sua resposta.

> Tem por objetivo informar por meio do relato de um fato de relevância social, mas faz isso sem opinar sobre ele.

Essa afirmação se refere à notícia ou à reportagem? Justifique sua resposta.

9. Qual é a função das imagens e legendas das imagens presentes na reportagem?

ATIVIDADE 3 – ANÁLISE DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO E DA FORMA COMPOSICIONAL DO GÊNERO (SUPORTE E TECNOLOGIAS)

1. A reportagem lida está em sua versão impressa. Será que há diferenças entre uma reportagem impressa e uma reportagem digital? Vamos descobrir? Acesse o QR Code abaixo ou acompanhe a projeção que a professora ou professor vai fazer na lousa para analisar a versão digital da mesma reportagem.

Você percebeu que há diferenças entre uma reportagem digital e uma impressa. Assim, com base na análise feita, complete a tabela a seguir indicando com um X quais elementos da forma composicional da reportagem estão presentes naquela publicada de forma impressa e quais estão presentes na publicada em contexto digital.

Elementos da forma composicional da reportagem	Reportagem impressa	Reportagem digital
Título		
Subtítulo		
Nome dos autores		
Texto escrito		
Gráficos		
Imagens		
Links para textos relacionados		
Opções de compartilhamento		
Hiperlinks		

2. Quais outros recursos poderiam estar presentes em uma reportagem digital?

É válido reforçar que as atividades disponibilizadas são extensas, pois buscam exemplificar múltiplas possibilidades de abordagens para o processo de análise do contexto comunicativo e da forma composicional da reportagem. Assim, o professor pode optar por utilizá-las integralmente ou fazer uma seleção das questões que considerar mais pertinentes. Em qualquer um dos casos, as atividades devem ser adaptadas ao contexto de implementação.

Assim, como já afirmado anteriormente, é fundamental que o professor adapte as propostas aqui apresentadas ao seu contexto de ensino, ou seja, ao nível de conhecimento dos estudantes acerca dos objetos de ensino e aos recursos e às tecnologias disponíveis.

Entre as possibilidades para implementação dessas atividades, sugerimos a produção em grupo ou a rotação por estações. Independentemente da escolha, é importante que haja, previamente às atividades, uma leitura coletiva dirigida da reportagem. Por se um texto extenso, o professor pode optar por lê-lo integramente ou construir uma versão reduzida da reportagem, adequando a atividade ao tempo disponível para realizá-la. Ao longo da leitura, o professor deve questionar os estudantes sobre aspectos referentes ao contexto de produção do gênero, à sua forma composicional e ao tema por ele tratado, deixando-os verbalizar suas respostas. As questões feitas pelo docente devem dialogar com as atividades que serão realizadas em seguida. Após esse processo, será possível iniciar a produção das atividades. Para isso, sugerimos:

Produção em grupo

Nesse caso, o professor deve dividir a turma em grupos, entregar a versão das atividades mais adequada ao contexto de ensino a cada um deles e determinar um tempo para sua realização. Ao término do trabalho das equipes, o professor deve fazer a correção das questões. Nesse processo, é possível pedir aos grupos que apresentem

suas respostas à turma e, sempre que necessário, elas devem ser complementadas, a partir de respostas de outros grupos ou de intervenções do próprio professor, a fim de que se alcance as respostas esperadas.

Rotação por estações

Ao empregar essa estratégia metodológica, o professor deve criar um conjunto de quatro ou mais atividades diferentes (que podem ser baseadas nas atividades anteriormente disponibilizadas). Cada uma delas precisa abordar um dos aspectos visados por esta etapa da sequência: elementos do contexto de produção e circulação; elementos da forma composicional do gênero; e elementos temáticos. É possível também, caso o professor considere adequado, integrar a atividade de análise linguística a esse processo disponível na terceira etapa desta sequência. Cada uma das atividades construídas constituirão uma estação. Em seguida, a turma deve ser dividida em grupos, os quais deverão passar por todas as estações, realizando cada uma das atividades. Quando todos os grupos realizarem todas as atividades, o professor deve sistematizar os aspectos teóricos contidos nas estações sobre os elementos contexto de produção e circulação, os elementos da forma composicional do gênero, os elementos temáticos e, caso tenha integrado a esta etapa a etapa 3, os aspectos de análise linguística, reconstituindo, assim, informações relevantes para a continuidade da implementação da sequência.

3ª ETAPA: ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA

Quantidade de aulas sugeridas para implementação da etapa: 1 aulas

A etapa de análise linguística/semiótica desta sequência de atividades tem por finalidade trabalhar aspectos referentes a **recursos linguísticos necessários à produção de textos no gênero reportagem**. Neste caso, foram selecionadas atividades relacionadas ao uso de aspas, aos verbos de elocução e aos discursos direto e indireto.

As atividades disponibilizadas a seguir são exemplos de como abordar esses tópicos com os estudantes.

Atividades de análise linguística/semiótica

1. O uso de aspas é algo frequente nas reportagens. Esse uso pode ser verificado nos dois trechos a seguir. Leia-os com atenção.

Fragmento 1

> Crianças obesas têm mais chance de se tornarem adultos obesos – e podem adquirir ao longo da vida uma série de doenças relacionadas ao excesso de peso, como hipertensão, diabetes e problemas cardiovasculares. Enquanto a obesidade infantil traz uma nova carga de vulnerabilidade aos mais pobres, o Brasil caminha para ter uma população doente. "A consequência disso é

a mortalidade prematura", explica a nutricionista Daniela Neri, do Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da USP.

Fragmento 2

A família recebe 400 reais por mês do Auxílio Brasil. Só o aluguel da casa onde moram custa 250 reais, e a conta de luz fica em torno de 150 reais por mês. "Para comer, a gente vai se ajeitando como dá", conta a dona de casa. Ela não consegue planejar a alimentação das crianças porque não faz compras de mês – vai comprando a comida conforme o namorado, ajudante de pedreiro, recebe dinheiro.

Com base na leitura feita, explique qual é a função do uso de aspas na reportagem.

2. Nos dois fragmentos lidos, os usos de aspas são acompanhados por verbos de elocução. No fragmento 1, o verbo utilizado é "explica", já no dois, "conta". Qual é a função desses verbos na reportagem?

3. Os dois fragmentos apresentam as falas da nutricionista Daniela Neri e da dona de casa entrevistada para a reportagem em discurso direto. Transponha as duas falas contidas nos fragmentos para o discurso indireto.

Para implementar a proposta referente à análise linguística/semiótica, sugerimos:

Integrar a atividade à etapa 2 da sequência

Nesta opção, a atividade de análise linguística/semiótica constituirá uma das estações de rotação.

Produção em grupo

Nesse caso, o professor deve dividir a turma em grupos, entregar a versão da atividade mais adequada ao contexto de ensino a cada um deles e determinar um tempo para sua realização. Ao término do trabalho das equipes, o professor deve fazer a correção das questões. Nesse processo, é possível pedir aos grupos que apresentem suas respostas à turma e, sempre que necessário, elas devem ser complementadas, a partir de respostas de outros grupos ou de intervenções do próprio professor, a fim de que se alcance as respostas esperadas.

4ª ETAPA: PRODUÇÃO TEXTUAL

Quantidade de aulas sugeridas para implementação da etapa: 2 aulas

A etapa de produção textual tem por finalidade fazer com que o estudante **mobilize os saberes estudados ao longo da sequência de atividades para a produção efetiva de uma reportagem**. Para isso, é fundamental que seja exposto à turma um contexto comunicativo para qual as crianças produzirão o texto. Em seguida, deve haver um planejamento da produção textual, considerando o contexto comunicativo apresentado e os

saberes estudados acerca da forma composicional do gênero e de elementos linguísticos necessários para construção textual. Uma vez pronto o planejamento e com base nele, deve ser iniciada a elaboração efetiva do texto. Neste momento de produção, o professor deve acompanhar a produção e reforçar, sempre que necessário, questões básicas da escrita como ortografia, pontuação, acentuação e demais aspectos da linguagem escrita formal, ainda que não tenham sido foco da etapa de análise linguística e semiótica da sequência de atividades.

A seguir, disponibilizamos um exemplo de proposta de produção de reportagem, um exemplo de ficha de planejamento e um exemplo de folha de produção textual.

Proposta de produção textual

Sua escola vai realizar uma semana de conscientização sobre vida saudável. Neste evento, sua turma ficou responsável por alimentar um mural informativo, que ficará exposto para os alunos e funcionários, com reportagens sobre hábitos saudáveis de alimentação. Você produzirá uma dessas reportagens. Em sua produção, você deverá:

- Explicar a relação entre hábitos alimentares e saúde.
- Utilizar ao menos duas informações vindas de profissionais da área da saúde ou da nutrição;
- Escrever uma dessas informações em discurso direto e uma em discurso indireto;
- Apresentar um recurso visual (gráfico, imagem, infográfico, por exemplo)

Importante: não se esqueça de atribuir um título e uma linha fina ao seu texto.

FICHA DE PLANEJAMENTO

Explique qual é a relação entre hábitos alimentares e a saúde das pessoas?

Qual é a primeira informação vinda de profissionais da área da saúde ou da nutrição escolhida por você?

Qual é a fonte da informação?

Qual é a segunda informação vinda de profissionais da área da saúde ou da nutrição escolhida por você?

Qual é a fonte da informação?

Recorte ou desenhe o recurso visual (gráfico, imagem, infográfico, por exemplo) que você vai utilizar em sua reportagem.

FOLHA DE PRODUÇÃO

Título:_____

Linha fina:_____

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

ESPAÇO PARA RECURSO VISUAL

O exemplo de proposta de produção textual disponibilizada apresenta um contexto comunicativo para o qual os estudantes produzirão reportagens para um mural temático. Mais do que um contexto meramente simulado, é possível concretizá-lo na escola, tornando assim, a prática de produção textual situada e concreta a partir da criação efetiva do mural e mesmo da realização da semana de conscientização sobre vida saudável. Outro detalhe importante é que os elementos centrais do contexto comunicativo estão destacados em negrito (interlocutores, gênero, finalidade e tema). Dessa forma, os estudantes podem ter como foco aquilo que é mais importante no contexto de comunicação ao produzir o texto.

Para implementar esta etapa de produção, sugerimos que, inicialmente, o professor analise o contexto de produção juntamente aos alunos, salientando seus principais elementos. Em seguida, deve haver um momento de pesquisa sobre hábitos saudáveis de alimentação e um planejamento da reportagem a ser escrita (ver modelo de ficha de planejamento disponibilizada anteriormente). A pesquisa pode ser realizada na biblioteca da escola ou, caso haja disponibilidade, no laboratório de informática. É possível também, para o momento de pesquisa, que o professor selecione materiais que contenham informações necessárias para a produção das reportagens. Uma vez tendo as informações pesquisadas em mãos, a turma pode preencher a ficha de planejamento. Por fim, com base no planejamento feito, os estudantes devem iniciar a escrita do texto. Nesse momento, o professor deve circular pela sala, auxiliando os estudantes que necessitarem de ajuda e respondendo dúvidas.

Ao longo do processo de produção, é fundamental que o professor relembre a necessidade de os estudantes recorrerem aos conhecimentos estudados ao longo da sequência de atividades (contexto de produção e circulação, forma composicional do gênero e elementos linguísticos).

5ª ETAPA: ANÁLISE DOS RESULTADOS E REESCRITA

Quantidade de aulas sugeridas para implementação da etapa: 1 aula

Esta etapa final da sequência de atividades consiste em analisar os resultados obtidos a partir da produção textual. Essa análise deve ser feita a partir da correção das reportagens produzidas ou de uma amostragem delas. Com base nos resultados obtidos, o professor pode retomar em sala de aula aspectos do estudo que não foram bem assimilados, direcionando um trabalho de revisão com a turma ou mesmo com estudantes específicos. Se desejar, com base nos resultados da análise, o docente pode solicitar reescrita do texto, estabelecendo pontos específicos que devem ser considerados nessa segunda produção da reportagem.

A fim de auxiliar nesse processo, disponibilizamos, a seguir, um exemplo de tabela analítica que pode ser utilizada para **avaliação** dos textos. Além disso, disponibilizamos também uma tabela para avaliação das atividades em grupo realizadas ao longo desta sequência. Essas tabelas pretendem fornecer feedback formativo, por meio do processo avaliativo e foram elaboradas a partir de orientações do material Avalia e Aprende – avaliação Formativa, do Instituto Reúna.

TABELAS DE ANÁLISE DE RESULTADOS DA PRODUÇÃO TEXTUAL

	Desejável	Básico	Abaixo do básico	Insuficiente
Rubrica de Gênero e aspectos temáticos	A relação entre hábitos alimentares e saúde está clara e desenvolvida. Além disso, há duas informações provenientes de profissionais da saúde ou da nutrição. O recurso gráfico utilizado é preciso na ilustração do tema da reportagem.	A relação entre hábitos alimentares e saúde está clara, mas apresenta poucos problemas de desenvolvimento. Além disso, há duas informações presentes no texto, ainda que uma delas não esteja explicitamente conectada a profissionais da saúde ou da nutrição. O recurso gráfico utilizado é preciso na ilustração do tema da reportagem.	A relação entre hábitos alimentares e saúde apresenta muitos problemas de desenvolvimento. Além disso, há duas informações presentes, mas elas não estão explicitamente conectadas a profissionais da saúde ou da nutrição. O recurso gráfico utilizado apresenta alguma relação com o tema da reportagem.	A relação entre hábitos alimentares e saúde não é construída ao longo da reportagem. Além disso, há duas informações presentes, mas elas não estão explicitamente conectadas a profissionais da saúde ou da nutrição. O recurso gráfico utilizado não apresenta relação com o tema da reportagem.
Nome do estudante				
Nome do estudante				
Nome do estudante				

	Desejável	Básico	Abaixo do básico	Insuficiente
Rubrica de aspectos linguísticos (uso da modalidade formal da língua e elementos de coesão)	O estudante apresenta um texto com raros desvios de ortografia e de uso de ponto final e vírgula. Além disso, faz uso excelente de elementos coesivos, tais como conjunções, pronomes e sinônimos, favorecendo, assim, a progressão das ideias. Há construção adequada e diferenciação entre os discursos direto e indireto.	O estudante apresenta um texto com poucos desvios de ortografia e de uso de ponto final e vírgula. Além disso, faz bom uso de elementos coesivos, tais como conjunções, pronomes e sinônimos. Em poucos momentos do texto, há problemas na progressão das ideias. Há tentativa de construção dos discursos direto E indireto. Além disso, falhas são verificadas, como uso inadequado ou falta de uso de aspas ou de verbos de elocução.	O estudante apresenta um texto com alguns desvios de ortografia e de uso de ponto final e vírgula. Além disso, faz pouco uso de elementos coesivos, tais como conjunções, pronomes e sinônimos, o que prejudica, em alguns momentos, a progressão das ideias. Há uso apenas do discurso direto OU do discurso indireto. Esse uso pode apresentar falhas como falta de uso de aspas ou de verbos de elocução.	O estudante apresenta um texto com muitos desvios de ortografia e de uso de ponto final e vírgula. Além disso, faz raro uso de elementos coesivos, tais como conjunções, pronomes e sinônimos, o que prejudica, em muitos momentos, a progressão das ideias. Os discursos direto e indireto não são utilizados ao longo do texto.
Nome do estudante				
Nome do estudante				
Nome do estudante				

TABELAS DE ANÁLISE DE RESULTADOS DE ATIVIDADES EM GRUPO

	Desejável	Básico	Abaixo do básico	Insuficiente
Rubrica de engajamento na realização de atividades em grupo	O estudante colaborou ativamente durante a realização da atividade. Diante de conflitos com os colegas do grupo, soube resolvê-los de maneira pacífica e coerente, recorrendo ao professor sempre que necessário.	O estudante colaborou, na maior parte do tempo, durante a realização da atividade. Diante de conflitos com os colegas do grupo apresentou algumas dificuldades para resolvê-los.	O estudante colaborou pouco durante a realização da atividade. Diante de conflitos com os colegas do grupo, apresentou muitas dificuldades para resolvê-los.	O estudante quase não colaborou durante a realização da atividade. Diante de conflitos com os colegas do grupo, não soube como resolvê-los.
Nome do estudante				
Nome do estudante				